

VILÉM FLUSSER

José, o "avatar" malogrado.

A ponte que liga a região divina à humana está congestionada na concepção hindú do mundo. O tráfego pesado consiste de deuses que viajam em nossa direção, e de homens santos que viajam em direção contrária. Os deuses, ao alcançar-nos, transformam-se em seres humanos. São os avatares. Os homens santos, se e quando alcançam a região numinal, tornam-se deuses. São os buddhas. O mais famoso dos avatares é Krishna, o mais famoso dos buddhas é Siddharta Gótama. Esse trânsito intenso explica-se pelo fundamento materialista da concepção (Weltanschauung) hindú. O espírito e a alma são matéria rarefeita. São gás (atma) e energia (prana). A passagem de espírito para matéria é a passagem entre dois estados de agregado. É uma questão de física. Tornar-se divino é evaporar, incarnar é condensar-se. As escrituras sagradas dos hindús disfarçam o seu materialismo. Este se torna evidente nas práticas dos espíritas ocidentais, (estas filiais da Índia no Ocidente), nas quais espíritos são materializados fisicamente. No Ocidente espírito é concebido como algo totalmente diferente de matéria ("ganz anders"). A ponte entre o Divino e o mundo das coisas passa sobre um abismo. O homem, com seu corpo e sua alma, é essa ponte. Esta a situação sumamente problemática do homem na "Weltanschauung" ocidental. Ele é a um tempo avatar e buddha. Não obstante: existe, na tradição ocidental, o avatar Jesús. É uma figura solitária. Para aqueles que n'Ele crêm representa uma irrupção para dentro da história do mundo. Para os que n'Ele não crêm representa um corpo estranho na história do Ocidente. É uma figura solitária, mas não tão isolada como pode parecer à primeira vista. A história nos dá conta de toda uma série de pretendentes a avatares. Um dos mais interessantes foi recentemente redescoberto nos chamados "rolos do Mar Morto". São avatares pragmaticamente malogrados, porque ninguém crê neles atualmente.

Thomas Mann, em seu romance monumental "José e seus Irmãos", apresenta um avatar que malogrou por uma razão inteiramente diferente. Não fracassou pragmaticamente, mas do ponto de vista divino. Deus malogrou em sua tentativa de encarnar-se. Deus projetou uma encarnação em José, filho de Jacó e Raquel. Tendo malogrado, repetiu a tentativa em Jesús, filho de José e Maria. Eis uma ordem de ideias inquietante e que beira à blasfêmia. As diversas fases da encarnação realizada em Jesús são pre-figuradas na história de José. A imaculada concepção é ensaiada diversas vezes em Raquel,

recorrendo Deus a diferentes truques. Aparece em sonhos, troca Raquel e Léa, substitui Raquel por uma serva, conserva Raquel estéril ("virgem") por muito tempo, deixa nascer José, (embora de forma mais ou menos natural), num ambiente de mistério e sofrimento. Raquel continua um pouco "virgem", a despeito do ardor de Jacó, seu esposo. Por fim nasce Benjamim, (o filho direito), e mata Raquel em sinal da raiva e do ciúme que Deus nutre contra Jacó.

José, o fruto desse esforço um tanto malogrado, não é um prazer puro em Sua face. É mimado, é orgulhoso, é vaidoso, é mentiroso e, (horror dos horrores) tende para o paganismo. Entretanto, o rapaz tem "charme". É encantador física e intelectualmente. Todo aquele que entra em contato com José é capturado por esse encanto quase divino. Quem é responsável por esse encanto? A mãe Raquel a "bela e formosa", o pai "natural" Jacó, a quem Deus abençoou e o qual lutou contra Ele ("Israel"), ou o Pai sobrenatural nos céus? Thomas Mann deixa-nos em dúvida sorridente.

E as tentações de José, o filho amado e preferido pelo "Pai": A mais famosa é a mulher de Potifar. José passa por essa prova, embora não com distinção especialmente louvável. O rosto do "Pai" aparece no último instante. Que rosto? O de Jacó, o de Potifar, o do amigo paternal falecido, ou o rosto do Pai nas alturas? Desta maneira duvidosa José resiste à tentação e demonstra, problemáticamente, a sua "escolha".

A morte e a ressurreição: Os irmãos lançam José ao poço (a "morte") e José ressurge. Potifar lança José na cárcere ("morte") e José ressurge. José morre no Egito ("paiz da morte") e sua múmia é transportada para a Terra Prometida ("a vida"). Não podemos afirmar entusiasticamente que José ressuscitou dos mortos, mas tampouco podemos afirmar que Deus fracassou totalmente.

José é um esboço mais ou menos malogrado de Jesús. Com efeito, é Sua caricatura. Uma caricatura banhada em beleza e santidade. Todo o romance de Thomas Mann tem esse clima. É uma brincadeira revêrente com o Proibido. Mantém o equilíbrio entre "farce" e reza. Mantém esse equilíbrio por milhares de páginas. A sua linguagem é nobre e profanisadora, é arcaica e supermoderna, é orientalisante e americanisante. O romance é um "record" de equilibrismo religioso, filosófico e estilístico sem igual na literatura.

A sua importância principal reside, no entanto, em outro campo. É um convite irônico e indireto para uma reconsideração da situação humana dentro da concepção ocidental do mundo. Kerenyi, o grande analisador dos mitos, colaborou nes-

VILÉM FLUSSER

sa obra. Estamos sendo confrontados com os mitos dos quais a civilização ocidental jorra. A nossa situação como homens, e como homens ocidentais, é sugerida como resultante desses mitos. Somos o que somos, e o nosso mundo é como é, porque assim fomos projetados pelos nossos mitos. Somos a realização, (isto é desmitização) de um projeto pre-figurado nos mitos. José é um padrão daquilo que somos e daquilo que seremos.

O romance começa por uma análise ironica da palavra alemã "einst". A tradução é "outrora", isto é "outra hora". "Era uma vez" e "será uma vez". O mito começa: "era uma vez e será sempre um José, filho de Jacó e Raquel, um avatar malogrado". Na grande festa ritual que é a civilização ocidental aparecia sempre, como sempre aparecerá no instante apropriado, este avatar malogrado. Está previsto no projeto da festa. O José bíblico não representa a primeira realização desse projeto. Jacó, Abrão, Noé, Adão e incontáveis figuras pré-bíblicas o precedem. Nem representa a última realização do mesmo projeto. O progresso da festa do Ocidente, (a "conversação ocidental"), realiza sempre o mesmo projeto de forma sempre mais desmitizada.

Com essa visão Thomas Mann mergulha-nos no pensamento do tipo existencial. Aceitando a concepção básica implícita nesse romance, reconheceremos a nossa existência como realização progressiva de um projeto. Projetou-se esse projeto outrora, "in illo tempore", e está se projetando sempre. Jorrou da noite, e está continuando a jorrar, em forma de mitos. A nossa existência é uma clareira na floresta do nada. Fomos jogados para cá pelo jato dos mitos. Somos a realização, a desmitização dos mitos. Os mitos são as raízes das quais brotamos. Existimos em função desses mitos. Se formos autênticos, estaremos resolvidos para a realização dos mitos. Se não, decairemos angustiados rumo à morte. José, o avatar malogrado, é uma das nossas raízes. A nossa existência autêntica é uma tentativa de realizar esse mito.

A nossa concepção do mundo, do Divino, das coisas, da nossa situação problemática entre ambos, é resultado de um projeto do qual José faz parte. Essa concepção não é portanto tão somente obra nossa. É elaboração nossa de mitos que nos foram "dados" (revelados) outrora, na proximidade da noite do nada. A concepção hindú, com a qual a nossa tem sido contrastada no início deste trabalho jorra de uma proximidade diferente, é um projeto alheio ao nosso.

A consideração dos nossos mitos reconduz o nosso pensamento para a proximidade da noite da qual fomos projetados. Nessa consideração sentimos o choque primário

dial de admiração e de pavor, o "mysterium tremendum" que é o surgir de um mito. Ao considerarmos José sentimos o tremor primordial ("Urschauer") de nossa origem. A contemplação de José é a contemplação indireta daquilo que nos é totalmente diferente. Atrás da figura de José esconde-se, tremendamente admirável e tremendamente terrível, a noite do nada. Em José ela vibra, e nós vibramos com ela. Na definição de Bachofen é o mito o "contar o incontável". A contemplação de José é a contemplação do impensável, porque ultrapassa o pensamento.

"Profundo é o poço do passado. Não deveríamos chama-lo de inexaurível?" Na contemplação de José, este se torna transparente para todos os Josés anteriores. É uma fileira incontável até o perder-se da vista. E, lá longe, no fundo do poço, adivinhamos a multidão imensa dos Josés não mais atingíveis pela nossa visão limitada. Uma multidão imensa de tentativas malogradas de encarnação do Divino. O espírito ocidental, em sua inclinação "científica," procura penetrar até ela. Procura distinguir, nessa multidão de Josés, protohomens, e mamíferos primitivos, e répteis, e peixes, e o protoplasma na praia de um oceano esquecido, e incontáveis estrelas incandescentes a explodirem no nada. A inclinação "científica" do espírito ocidental é uma realização autêntica do projeto que somos. É uma desmitização dos nossos mitos. E o pensamento voltará dessa contemplação do fundo do poço, à qual o José de Thomas Mann convida, tomado de vertigem. Reconhecerá dentro de si essa multidão de Josés, descobrirá dentro de si o poço. Reconhecerá que nós somos a ponta da lança do projeto que se realiza pela nossa existência. Essa a visão que Thomas Mann evoca em nós, avatares malogrados.